

A Casa  
Holandesa

\* \* \*

Ann  
Patchett

# A casa holandesa

Ann Patchett

Tradução de Alessandra Esteche



Copyright © 2019 by Ann Patchett

TÍTULO ORIGINAL

The Dutch House

PREPARAÇÃO

Fernanda Machtyngier

REVISÃO

Wendell Sussuarana

Eduardo Carneiro

PROJETO DE MIOLO E DIAGRAMAÇÃO

Estúdio Insólito

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

P332c

Patchett, Ann, 1963-

A casa holandesa / Ann Patchett ; tradução Alessandra Esteche. -

1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2020.

240 p. ; 23 cm.

Tradução de: The dutch house

ISBN 978-85-510-0618-4

978-85-510-0590-3 [c.i.]

1. Romance americano. I. Esteche, Alessandra. II. Título.

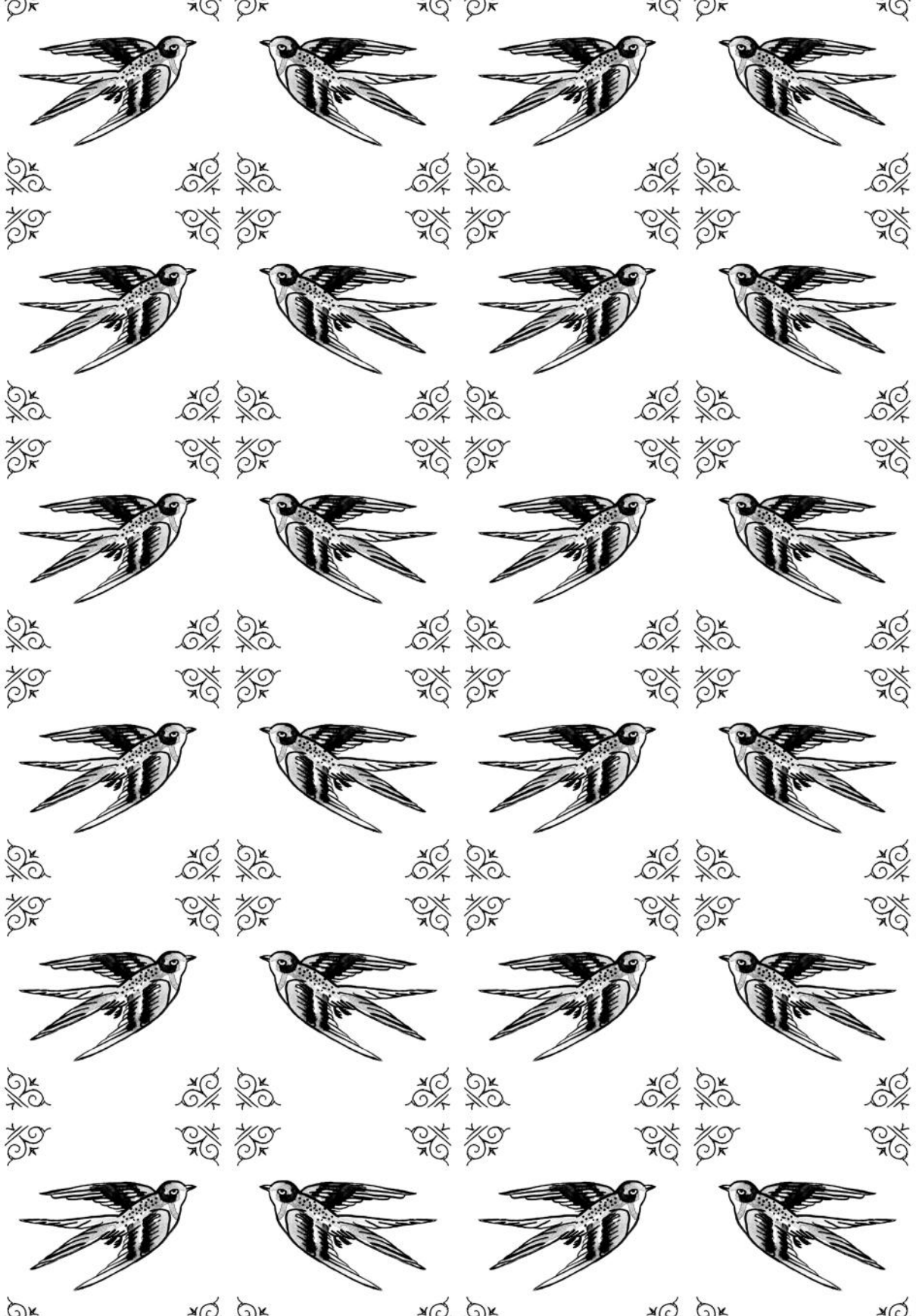
20-62947

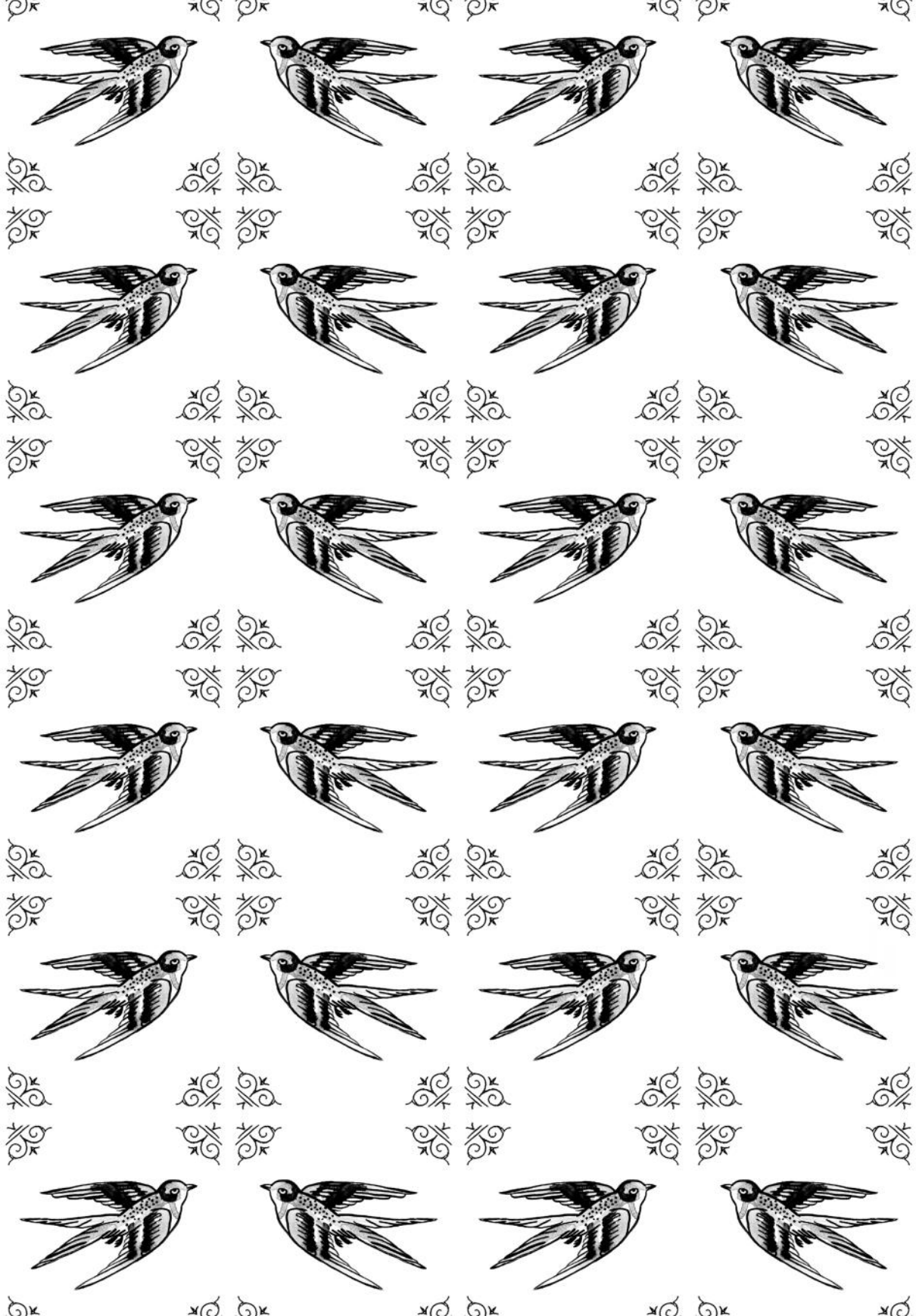
CDD: 813

CDU: 82-31(73)

---

Leandra Felix da Cruz Candido - Bibliotecária - CRB-7/6135









*parte um*





A PRIMEIRA VEZ que nosso pai trouxe Andrea à Casa Holandesa, Sandy, nossa empregada, veio até o quarto de minha irmã e nos mandou descer.

- Seu pai trouxe alguém que quer que vocês conheçam - disse ela.
- É alguém do trabalho? - perguntou Maeve.

Ela era mais velha, por isso tinha um entendimento mais complexo sobre relações pessoais.

Sandy pensou na pergunta.

- Eu diria que não. Onde está seu irmão?
- Na janela - respondeu Maeve.

Sandy precisou abrir as cortinas para me encontrar.

- Por que você tem que fechar as cortinas?

Eu estava lendo.

- Privacidade - respondi, embora, aos oito anos, eu não tivesse noção alguma do que fosse privacidade. Gostava da palavra e gostava da sensação de casulo que as cortinas proporcionavam quando estavam fechadas.

Quanto à visita, era um mistério. Nosso pai não tinha amigos, pelo menos não do tipo que viesse à nossa casa no fim de uma tarde de sábado. Deixei meu esconderijo e fui até o topo da escada para me deitar no tapete que cobria o piso. Sabia por experiência própria que, se deitasse no chão e olhasse por entre o pilar e o primeiro ba-laustre, conseguiria ver a sala de estar. Lá estava nosso pai em frente à lareira com uma mulher, e, pelo que pude perceber, eles estavam



analisando os retratos do Sr. e da Sra. VanHoebeek. Levantei e voltei para o quarto da minha irmã para apresentar meu relatório.

– É uma mulher – contei a Maeve, mas Sandy já sabia disso.

Sandy perguntou se eu tinha escovado os dentes, o que significava que ela queria saber se eu tinha escovado os dentes naquela manhã. Ninguém escovava os dentes às quatro da tarde. Sandy estava fazendo tudo sozinha, porque Jocelyn folgava nas tardes de sábado. Já tinha acendido a lareira, atendido à porta e oferecido bebidas e, além de tudo isso, também estava responsável por meus dentes. Sandy folgava às segundas. Tanto ela quanto Jocelyn também folgavam aos domingos, porque meu pai achava que as pessoas não deviam trabalhar aos domingos.

– Escovei – respondi, porque provavelmente tinha escovado.

– Escove de novo – disse ela. – E penteie o cabelo.

Depois ela se dirigiu à minha irmã, que tinha o cabelo comprido, preto e grosso como o rabo de dez cavalos amarrados juntos. Por mais que ela penteasse, nunca parecia penteado.

Uma vez apresentáveis, Maeve e eu descemos e ficamos embaixo do vão largo do vestíbulo, vendo nosso pai e Andrea observarem os VanHoebeeks. Eles não perceberam que estávamos ali, ou não pareceram perceber – difícil dizer –, então esperamos. Maeve e eu sabíamos como ficar quietos em casa, um hábito criado para tentar não irritar nosso pai, embora ele ficasse ainda mais irritado quando achava que estávamos chegando de fininho. Ele estava usando o terno azul. Nosso pai nunca usava terno aos sábados. Pela primeira vez percebi que seu cabelo estava começando a ficar grisalho na nuca. Ao lado de Andrea, ele parecia ainda mais alto do que era.

– Deve ser um consolo tê-los por perto – disse Andrea, referindo-se não aos filhos, mas aos quadros.

O Sr. e a Sra. VanHoebeek, cujos primeiros nomes eu nunca tinha ouvido, eram mais velhos em seus retratos, mas não totalmente idosos. Ambos vestiam roupas pretas e portavam-se de maneira ereta e

formal, que exprimia outra época. Mesmo em suas molduras separadas, pareciam tão juntos, tão *casados*, que eu sempre imaginei se tratar de um quadro grande que alguém cortou ao meio. Andrea inclinou a cabeça para trás a fim de analisar aqueles quatro olhos astutos que pareciam seguir e reprovar um garoto independentemente do sofá em que ele escolhesse se sentar. Em silêncio, Maeve enfiou o dedo entre minhas costelas para me fazer gritar, mas eu me segurei. Nós ainda não tínhamos sido apresentados a Andrea, que, por trás, parecia pequena e elegante em seu vestido cinturado, com um chapéu preto que não era maior que um pires preso em uma mecha de cabelos claros. Tendo sido educado por freiras, eu sabia que não devia rir e constranger um convidado. Andrea não tinha como saber que as pessoas nos quadros tinham vindo com a casa, que tudo na casa tinha vindo com a casa.

Os VanHoebeeks da sala de estar eram a grande atração, um documento em tamanho real de pessoas gastas pelo tempo, os rostos severos e desagradáveis reproduzidos com exatidão holandesa e uma compreensão também claramente holandesa da incidência da luz, mas havia dúzias de outros retratos menores em todos os andares – filhos nos corredores, antepassados nos banheiros, pessoas sem nome que eles admiravam espalhadas por toda parte. Havia também um retrato da Maeve de quando tinha dez anos que, embora não fosse tão grande quanto os quadros dos VanHoebeeks, era tão bom quanto. Meu pai havia trazido de trem um famoso artista de Chicago. Conforme contam, era para ele ter pintado nossa mãe, mas ela, que não fora avisada de que o pintor ficaria hospedado em nossa casa por duas semanas, se recusou a posar, então ele pintou Maeve. Quando o retrato foi finalizado e emoldurado, meu pai o pendurou na sala de estar bem em frente aos VanHoebeeks. Maeve gostava de dizer que foi ali que ela aprendeu a encarar as pessoas.

– Danny – disse meu pai quando finalmente se virou, como se esperasse nos encontrar exatamente onde estávamos. – Venha cumprimentar a Sra. Smith.

Sempre vou acreditar que a cara de Andrea caiu por um instante quando ela nos viu. Ainda que meu pai não tivesse mencionado os filhos, ela devia saber que ele tinha algum. Todos em Elkins Park sabiam o que acontecia na Casa Holandesa. Talvez ela tivesse pensado que fôssemos ficar lá em cima. Afinal, Andrea tinha vindo ver a casa, não as crianças. Ou talvez tivesse feito aquela cara só para Maeve, que, aos quinze anos e de tênis, já era uma cabeça mais alta que ela, que estava de salto. Maeve passou a se curvar quando começou a ficar claro que ela seria mais alta do que todas as meninas da turma e que a maioria dos garotos, e nosso pai era implacável ao corrigir sua postura. *Cabeça-para-cima-ombros-para-trás* poderia muito bem ser o nome dela. Durante anos, sempre que passava por Maeve em um cômodo, ele batia entre as escápulas dela com a palma da mão. Esse hábito trouxe uma consequência indesejável: Maeve mantinha a postura de um soldado na corte da rainha, ou a da própria rainha. Até eu percebia quanto ela podia intimidar: sua altura, a muralha preta e brilhante que era seu cabelo, o modo como baixava os olhos para olhar para as pessoas em vez de curvar o pescoço. Mas aos oito anos eu ainda era confortavelmente menor do que a mulher com quem meu pai viria a se casar. Estendi o braço para apertar sua mãozinha e disse meu nome, depois Maeve fez o mesmo. Embora digam que Maeve e Andrea entraram em conflito desde o início, isso não é verdade. Maeve foi perfeitamente razoável e educada quando elas se conheceram, e permaneceu assim até não ser mais possível.

– Como vai? – perguntou Maeve, e Andrea respondeu que ia muito bem.

Andrea ia bem. É claro que ia. Há anos o objetivo dela era entrar na casa, enlaçar o braço no de nosso pai ao subir os largos degraus de pedra e atravessar o terraço de ladrilhos vermelhos. Ela era a primeira mulher que nosso pai trazia para casa desde que minha mãe partira, embora Maeve tenha me dito que ele tivera alguma coisa com a babá durante um tempo, uma irlandesa chamada Fiona.

– Você acha que ele dormia com a Fofinha? – perguntei.

Fofinha era como chamávamos Fiona quando éramos crianças, em parte porque eu tinha dificuldade em dizer seu nome e em parte por causa dos cachos macios de cabelo ruivo que desciam por suas costas como uma nuvem fascinante. A notícia desse caso chegou a mim como a maioria das notícias chegava: muitos anos depois do acontecido, pela minha irmã, dentro do carro parado em frente à Casa Holandesa.

– Ou isso ou ela limpava o quarto dele no meio da noite – disse Maeve.

Meu pai e a Fofinha em flagrante delito. Balancei a cabeça.

– Não consigo imaginar.

– Você não devia tentar *imaginar*. Meu Deus, Danny, que nojo. De qualquer forma, você era praticamente um bebê no tempo da Fofinha. Fico surpresa até de você se lembrar dela.

Mas a Fofinha tinha batido em mim com uma colher de pau quando eu tinha quatro anos. Ainda tenho uma pequena cicatriz no formato de um taco de golfe no lado do olho esquerdo – a marca da Fofinha, como Maeve chamava. Fofinha alegou que estava cozinhando um panelão de molho de maçã quando eu a assustei ao puxar sua saia. Ela disse que estava tentando me afastar do fogão e certamente nunca teve a intenção de me bater, embora eu acredite que seja difícil bater no rosto de uma criança com uma colher de pau sem querer. A história só era interessante por ser minha primeira lembrança clara – de outra pessoa ou da Casa Holandesa ou da minha vida. Eu não tinha nenhuma lembrança de nossa mãe, mas me lembrava da colher da Fofinha atingindo a lateral da minha cabeça. Eu me lembro que Maeve, que estava no fim do corredor quando eu gritei, veio voando em direção à cozinha do mesmo jeito que o cervo voava por cima da cerca nos fundos da casa. Ela se jogou contra a Fofinha, que bateu no fogão, as chamas azuis saltando quando a panela de molho de maçã fervente caiu no chão e todos fomos queimados por respingos pon-

tuais. Fui levado ao consultório médico e levei seis pontos, fizeram um curativo na mão de Maeve e Fofinha foi demitida, embora eu me lembrasse de vê-la chorando e dizendo que sentia muito, que tinha sido um acidente. Ela não queria ir. De acordo com minha irmã, esse tinha sido o outro relacionamento de nosso pai, e ela devia saber o que estava falando, porque, se eu tinha quatro anos quando ganhei aquela cicatriz, ela já tinha onze.

Por acaso, os pais da Fofinha tinham trabalhado para os VanHoebeeks como motorista e cozinheira. Fofinha havia passado a infância na Casa Holandesa, ou no pequeno apartamento em cima da garagem. Por isso, quando seu nome surgiu, depois de tantos anos, perguntei-me para onde ela teria ido quando foi despedida.

Fofinha era a única pessoa na casa que conhecera os VanHoebeeks. Nem mesmo nosso pai os conheceu, embora nos sentássemos em suas cadeiras, dormíssemos em suas camas e fizéssemos as refeições com suas louças. Os VanHoebeeks não eram a história, mas de certa forma a casa era, e a casa era deles. Fizeram fortuna no ramo de distribuição de cigarros, um negócio de sorte em que o Sr. VanHoebeek entrara antes do início da Primeira Guerra Mundial. Os soldados recebiam cigarros no campo de batalha para levantar o ânimo, hábito que os acompanhou na volta para celebrar uma década de prosperidade. Os VanHoebeeks, que ficavam mais ricos a cada hora, mandaram construir uma casa em uma área que, na época, era agricultável, nos arredores da Filadélfia.

O estrondoso sucesso da casa poderia ser atribuído ao arquiteto, apesar de não ter encontrado nenhum outro exemplo de seu trabalho quando resolvi procurar. É possível que um dos austeros VanHoebeeks – ou ambos – tivesse algum tipo de estética visionária, ou que a propriedade tenha inspirado uma admiração além do que qualquer um deles pudesse imaginar, ou que os Estados Unidos pós-Primeira Guerra estivessem repletos de artesãos que trabalhavam segundo padrões há muito abandonados. Qualquer que seja a

explicação, a casa em que eles acabaram vivendo – a casa em que mais tarde nós acabamos vivendo – era uma confluência singular de talento e sorte. Não sei explicar como uma casa de três andares podia parecer ter a quantidade ideal de espaço, mas parecia. Ou talvez fosse mais adequado dizer que era uma casa grande demais para qualquer pessoa, um desperdício enorme e ridículo, mas nunca quisemos que fosse diferente. A Casa Holandesa, como ficou conhecida em Elkins Park, Jenkintown, Glenside e em toda parte até a Filadélfia, referia-se não à arquitetura da casa, mas a seus habitantes. A Casa Holandesa era o lugar onde aqueles holandeses com nomes impronunciáveis viviam. Vista de certa distância, parecia flutuar alguns centímetros acima da colina em que ficava. Os painéis de vidro que cercavam as portas de entrada, também de vidro, eram grandes como vitrines de lojas e sustentados por trepadeiras de ferro forjado. As janelas absorviam a luz do sol e a refletiam de volta pelo extenso gramado. Talvez fosse neoclássica, mas com uma simplicidade de linhas que se aproximava do estilo mediterrâneo ou francês, e, embora não fosse holandesa, dizia-se que as cornijas azuis na sala de estar, na biblioteca e no quarto principal tinham sido arrancadas de um castelo em Utrecht e vendidas para os VanHoebeeks para pagar as dívidas de jogo de um príncipe. A casa – incluindo as cornijas – fora concluída em 1922.

– Eles viveram bons sete anos, até que os banqueiros começaram a pular das janelas – disse Maeve, localizando nossos antecessores na história.

A primeira vez que ouvi alguém falar da propriedade que havia sido vendida foi naquela primeira visita de Andrea. Ela seguiu nosso pai até o vestíbulo e ficou olhando para o gramado da frente.

– Tem muito vidro – disse Andrea, como se estivesse calculando se poderia ser trocado, substituído por uma parede. – Não te preocupa que as pessoas consigam ver dentro da casa?

Não só era possível ver dentro da Casa Holandesa, como também através dela. A casa era menor no meio, e o hall de entrada levava di-

retamente para o qual chamávamos de observatório, que tinha uma parede de janelas que dava para o quintal. Da calçada da rua, o olhar da pessoa subia os degraus da entrada, atravessava o terraço, as portas da frente, o amplo piso de mármore do hall e o observatório até chegar aos lilases ondulando despreocupados no jardim atrás da casa.

Nosso pai olhou para o teto e depois para os dois lados da porta, como se só agora estivesse pensando nisso.

– Estamos bem longe da rua – disse.

Naquela tarde de maio, o muro de tílias que corria os limites do terreno estava espesso de folhas, e o gramado verde em declive onde eu rolava como um cachorro durante o verão parecia profundo e largo.

– Mas à noite – disse Andrea, com a voz preocupada. – Estou me perguntando se daria para instalar umas cortinas.

Cortinas para bloquear a visão me parecia não apenas impossível, mas a ideia mais idiota que eu já ouvira.

– Você já nos viu à noite? – perguntou Maeve.

– É importante se lembrar da quantidade de terra que havia aqui quando eles construíram a casa – respondeu nosso pai, ignorando Maeve. – Eram mais de oitenta hectares. A propriedade ia até Melrose Park.

– Mas por que eles venderam?

De repente, Andrea percebeu que a casa faria muito mais sentido se não houvesse outras casas. A linha de visão iria muito além do gramado em declive, atravessando os canteiros de peônias e as rosas. A intenção era que o olhar viajasse por um amplo vale até chegar a uma floresta, para que, mesmo que os VanHoebeeks ou um de seus convidados olhassem pela janela do salão à noite, a única luz que veriam seria a das estrelas. Não havia uma rua naquela época, não havia uma vizinhança, embora agora tanto a rua quanto a casa dos Buchsbaums, do outro lado, ficassem completamente visíveis no inverno, quando as folhas caíam das árvores.

– Dinheiro – respondeu Maeve.

– Dinheiro – repetiu nosso pai, assentindo.

Não era uma noção complicada. Mesmo aos oito anos eu conseguia entender.

– Mas eles estavam errados – afirmou Andrea, e vi uma tensão ao redor de sua boca. – Pense em como este lugar devia ser lindo. Se alguém me perguntasse, eu diria que eles deveriam ter tido mais respeito. A casa é uma obra de arte.

Então eu ri, porque entendi que Andrea estava dizendo que os VanHoebeeks deviam ter perguntado a *ela* antes de vender a terra. Meu pai, irritado, mandou Maeve me levar para cima, como se eu tivesse esquecido o caminho.

Cigarros prontos, alinhados dentro de caixinhas, eram um luxo pelo qual só os ricos podiam pagar, assim como os hectares nunca pisados por seus proprietários. Pouco a pouco a terra foi sendo reduzida. O declínio da propriedade foi tratado em registros públicos, a história registrada em escrituras. Os lotes foram vendidos para pagar dívidas – quatro hectares, depois seis, depois doze. Elkins Park foi se aproximando cada vez mais da porta. Foi assim que a família VanHoebeek resistiu à Depressão, para ver o Sr. VanHoebeek morrer de pneumonia em 1940. Um dos garotos morreu na infância e os dois mais velhos na guerra. A Sra. VanHoebeek morreu em 1945, quando não havia mais nada a vender além do jardim lateral. A casa, e tudo que havia nela, voltou para o banco, do pó ao pó.

Fofinha ficou para trás, como cortesia da Poupança e Empréstimo da Pensilvânia, e recebia um pequeno salário para cuidar da propriedade. Os pais dela tinham morrido, ou talvez encontrado outros empregos. De qualquer maneira, ela vivia sozinha em cima da garagem e olhava a casa todos os dias para ter certeza de que não havia vazamentos no telhado, ou de que os canos não haviam estourado. Fofinha fazia um caminho reto entre a garagem e a porta da frente com um cortador de grama e deixava o restante do gramado crescer. Colhia as frutas das árvores que ainda restavam nos fundos da casa e fazia manteiga de maçã e conservas de pêsego para o inverno. Em 1946,



quando nosso pai comprou a casa, os guaxinins tinham tomado conta do salão e mastigado a fiação. Fofinha só entrava na casa quando o sol estava a pino, bem na hora em que todos os animais noturnos estavam empilhados uns sobre os outros, dormindo profundamente. Foi um milagre os bichos não terem incendiado a casa. Os guaxinins acabaram capturados e descartados, mas deixaram para trás as pulgas, que se infiltraram por toda parte. Maeve dizia que suas primeiras lembranças da vida na casa eram a coceira e Fofinha salpicando os vergões com um cotonete embebido em loção de calamina. Meus pais acabaram contratando Fofinha para ser babá da minha irmã.



A primeira vez que Maeve e eu estacionamos na rua VanHoebeek (*Van Rubeic*, mas que todo mundo em Elkins Park pronunciava erroneamente como *Van Roubic*) foi também a primeira vez que voltei para casa da escola Choate, para o recesso de primavera. Naquele ano a primavera foi só no nome, porque o solo estava coberto por quase meio metro de neve, uma piada de Primeiro de Abril para coroar um inverno amargo. A primavera de verdade, fiquei sabendo no primeiro ano de internato, existia para os garotos que iam com os pais velejar nas Bermudas.

– O que você está fazendo? – perguntei quando ela parou o carro na frente da casa dos Buchsbaums, que ficava em frente à Casa Holandesa.

– Quero ver uma coisa.

Maeve inclinou o tronco para a frente e apertou o acendedor de cigarros do carro.

– Não tem nada para ver aqui – falei. – Vamos.

Eu estava mal-humorado por causa do tempo e por algo que via como injustiça entre aquilo que eu tinha e aquilo que eu merecia, mas ainda assim estava feliz por estar de volta a Elkins Park, feliz por estar no carro da minha irmã, a van Oldsmobile azul da nossa infância que meu pai deixou que ela levasse quando se mudou para

um apartamento só dela. Como eu tinha quinze anos e, via de regra, era um idiota, pensei que a sensação de lar que estava vivenciando tinha a ver com o carro e o lugar onde estava estacionado, em vez de atribuí-la total e reconhecidamente à minha irmã.

– Você está com pressa de chegar a algum lugar?

Ela sacudiu um cigarro para fora do maço e colocou a mão sobre o acendedor. Se você não estivesse aí para pegar o acendedor, ele seria arremessado com força e faria um buraco no banco ou no tapete ou na sua perna, dependendo de onde caísse.

– Você dirige até aqui quando estou na escola?

Pop. Ela pegou o acendedor e acendeu o cigarro.

– Não.

– Mas aqui estamos – afirmei.

A neve caía constante e macia enquanto a última luz do dia se encerrava entre as nuvens. Maeve tinha a natureza de uma caminhoneira islandesa; nenhum tempo ruim era capaz de detê-la, mas eu acabara de desembarcar de um trem e estava cansado e com frio. Pensei que seria bom fazer queijo quente e afundar na banheira. Banhos de banheira eram objeto de ridicularização sem fim na Choate, nunca entendi por quê. Apenas os chuveiros eram considerados viris.

Maeve encheu os pulmões de fumaça, exalou e desligou o carro.

– Pensei em vir aqui algumas vezes, mas decidi esperar você.

Ela sorriu para mim, abrindo a janela apenas o suficiente para deixar entrar um pouco de ar ártico. Antes de ir para Choate enchi o saco dela para que parasse de fumar, mas depois esqueci de contar que eu mesmo tinha começado. Fumar era o que fazíamos em vez de tomar banho de banheira.

Levantei a cabeça para enxergar a entrada.

– Está vendo elas?

Maeve olhou pela janela do motorista.

– Não sei por que, mas sempre fico pensando naquela primeira vez que ela nos visitou, há um milhão de anos. Você se lembra?

É claro que eu me lembrava. Quem poderia esquecer a visita de Andrea?

– E ela falou aquilo sobre se preocupar com as pessoas olhando pelas nossas janelas à noite?

Assim que essas palavras saíram de sua boca, o hall de entrada foi inundado pela luz quente e dourada do lustre. Então, depois de um tempo, as luzes da escada se acenderam, e, alguns instantes depois, a da suíte no segundo andar. A iluminação da Casa Holandesa pareceu tão perfeitamente cronometrada com suas palavras que meu coração quase parou. É claro que Maeve *tinha* vindo até a casa sem mim. Ela sabia que Andrea acendia a luz no exato instante em que o sol se punha. Negar era apenas teatro da minha irmã, e depois reconheci seu esforço quando percebi isso. Era um show e tanto.

– Olha só para aquilo – sussurrei.

Não havia folhas nas tílias, e a neve caía, mas não muito espessa. Obviamente dava para enxergar dentro da casa, através da casa, não em detalhes, é claro, mas as lembranças completavam a imagem: a mesa redonda sob o candelabro, onde Sandy deixava a correspondência para nosso pai à noite, e atrás dela o relógio de pêndulo no qual era minha responsabilidade dar corda todo domingo depois da missa, para que o navio abaixo do número seis continuasse a balançar suavemente entre as duas fileiras azuis de ondas pintadas. Eu não conseguia ver o navio ou as ondas, mas sabia que estavam lá. Havia o aparador em formato de meia-lua encostado na parede, o vaso de cobalto com a pintura da menina e do cachorro, as duas cadeiras francesas onde ninguém se sentava, o espelho gigante cuja moldura sempre me fazia imaginar tentáculos retorcidos de um polvo dourado. Andrea atravessou o hall como se tivesse ensaiado. Estávamos muito longe para ver seu rosto, mas eu a reconhecia pelo jeito de andar. Norma desceu as escadas a toda a velocidade e parou de repente porque a mãe teria lhe dito para não correr. Norma estava mais alta agora, mas acho que talvez pudesse ser Bright.

– Ela deve ter nos observado – disse Maeve – antes daquela primeira visita.

– Ou talvez todo mundo tenha nos observado, todo mundo que descia esta rua no inverno.

Coloquei a mão dentro da bolsa de Maeve e peguei o maço de cigarros.

– Isso parece um pouco egocêntrico – afirmou Maeve. – *Todo* mundo.

– É o que nos ensinam na Choate.

Ela riu. Percebi que ela não esperava rir, e isso me deixou muito feliz.

– Cinco dias inteiros com você em casa – disse ela, soprando fumaça pela janela aberta. – Os cinco melhores dias do ano.



DEPOIS DE SUA primeira visita à Casa Holandesa, Andrea permaneceu como um vírus. Quando tínhamos certeza de que não a veríamos mais e meses se passavam sem que ninguém mencionasse seu nome, ela surgia à mesa de jantar novamente, a princípio retraída pela ausência, mas se soltando aos poucos com o tempo. Quando já confortável, Andrea não falava de outro assunto que não fosse a casa. Estava sempre falando sobre algum detalhe da sanca ou especulando sobre a altura exata do pé-direito, como se o teto fosse algo completamente novo para nós.

– Aquele padrão se chama ovo e dardo – dizia ela, apontando para cima.

Assim que atingia o limite do tolerável, ela desaparecia de novo, e o alívio tomava conta de mim e de Maeve (e, supúnhamos, de nosso pai) com seu silêncio glorioso.

Houve o domingo em que voltamos da missa e a encontramos sentada em uma das cadeiras de ferro brancas à beira da piscina, ou Maeve a encontrou. Maeve estava caminhando pela biblioteca e a viu pela janela por acaso. Ela não chamou nosso pai, como eu faria; simplesmente foi até a porta dos fundos na cozinha e saiu.

– Sra. Smith? – chamou Maeve, protegendo os olhos com a mão.

Nós a chamamos de Sra. Smith até eles se casarem, e nunca fomos encorajados a chamá-la de outro jeito. Acho que depois que eles se casaram ela gostaria que a chamássemos de Sra. Conroy, mas isso

só teria intensificado a estranheza, uma vez que Maeve e eu também éramos Conroys.

Maeve me disse que Andrea se assustou e, quem sabe, talvez estivesse dormindo.

– Onde está seu pai?

– Lá dentro. – Maeve olhou por sobre o ombro. – Ele estava esperando você?

– Eu estou esperando por *ele* há uma hora – corrigiu Andrea.

Como era domingo, Sandy e Jocelyn estavam de folga. Acho que elas não teriam deixado Andrea entrar se não estivéssemos em casa, mas não tenho certeza disso. Sandy era a mais acolhedora das duas, e Jocelyn, a mais desconfiada. Elas não gostavam de Andrea, e provavelmente a teriam feito esperar do lado de fora até que chegássemos. Estava só um pouco frio, um dia agradável o bastante para se sentar à beira da piscina, a luz do sol brilhando na água azul, as delicadas linhas de bolor crescendo entre as lajotas. Maeve disse a ela que tínhamos ido à igreja.

Então as duas ficaram se encarando, sem que nenhuma desviasse o olhar.

– Sou metade holandesa, sabia? – disse Andrea afinal.

– Desculpe?

– Por parte de mãe. Ela era cem por cento holandesa.

– Nós somos irlandeses – disse Maeve.

Andrea assentiu, como se houvesse algum desacordo que agora tinha se resolvido a seu favor. Quando ficou claro que não haveria mais diálogo, Maeve entrou para avisar nosso pai que a Sra. Smith estava esperando à beira da piscina.

– Onde diabos ela estacionou? – Maeve perguntou para mim depois que ele saiu. Ela quase não usava esse palavreado naqueles dias, principalmente depois da missa.

– Ela sempre estaciona em frente à casa.

Então fomos procurar o carro, primeiro ao lado da casa e depois atrás da garagem. Quando não o encontramos em nenhum dos

lugares óbvios, descemos pela calçada, nossos sapatos de domingo esmagando o cascalho em direção à rua. Não fazíamos ideia de onde Andrea morava, mas sabíamos que não era nossa vizinha, não viera a pé. Finalmente encontramos o Impala creme estacionado a uma quadra da casa, a lateral esquerda amassada na frente. Maeve se abaixou para avaliar o estrago e eu só encostei no para-lama pendurado, impressionado com o farol que fora poupado. Era óbvio que Andrea tinha batido em alguma coisa e não queria que soubéssemos.

Não contamos a nosso pai sobre o carro. Afinal, ele não nos contava nada. Nunca falava sobre Andrea, nem quando ela ia embora nem quando voltava. Ele não nos falava se pensava nela assumindo algum papel em nosso futuro. Quando ela estava lá, ele agia como se ela sempre estivesse, e quando ia embora nós nunca queríamos lembrá-lo disso, por medo de que ele a convidasse para voltar. Na verdade, não acho que ele estivesse realmente interessado em Andrea. Só acho que ele não sabia como lidar com a obstinação dela. A estratégia dele, pelo que podia perceber, era ignorá-la até ela ir embora.

– Isso nunca vai funcionar – disse Maeve.

A única coisa que realmente importava para nosso pai era o trabalho: os prédios que construía, mantinha e alugava. Ele raramente vendia algum; preferia lucrar ao máximo com o que tinha para poder comprar mais. Quando tinha um compromisso com o banco, o banqueiro vinha até ele, e meu pai o fazia esperar. A Sra. Kennedy, secretária do meu pai, oferecia ao banqueiro uma xícara de café e dizia que não ia demorar muito, mas às vezes demorava. O banqueiro não podia fazer nada além de ficar sentado na antessala do escritório do meu pai, segurando o chapéu.

O pouco de atenção que restava ao meu pai no fim da semana era guardado para mim, e até isso ele transformava em parte do trabalho. Ele me levava no Buick todo primeiro sábado do mês para cobrar o aluguel, e me dava um lápis e um livro-razão para anotar, na coluna ao lado do valor que deviam, quanto os inquilinos haviam pagado.

Logo aprendi quem nunca estaria em casa e quem estaria esperando à porta com um envelope. Sabia que haveria reclamações – um banheiro que vazava, uma descarga que emperrava, um interruptor que não funcionava. Algumas pessoas arranjavam alguma desculpa todo mês e não pagavam enquanto o problema não fosse resolvido. Meu pai, cujo joelho tinha sido destruído na guerra, mancava levemente quando ia até o porta-malas do carro pegar o que quer que fosse necessário para consertar as coisas. Quando eu era criança, achava que o porta-malas era um baú mágico – alicates, braçadeiras, martelos, chaves de fenda, selante, pregos –, tudo estava lá. Agora eu sei que as coisas que as pessoas pedem em um sábado de manhã costumam ser facilmente resolvidas, e meu pai gostava de resolvê-las por conta própria. Ele era um homem rico, mas queria mostrar às pessoas que ainda sabia como as coisas funcionavam. Ou talvez aquela atuação fosse toda para mim, porque ele não precisava dirigir por aí cobrando aluguel, assim como não precisava arrastar a perna ruim escada acima para inspecionar telhas soltas. Ele tinha técnicos de manutenção para isso. Talvez fosse por minha causa que ele arregaçava as mangas e tirava a tampa de um fogão para vistoriar o acendedor enquanto eu ficava ali maravilhado com todas as coisas que ele sabia. Ele me dizia para prestar atenção, porque um dia o negócio seria meu e eu teria de saber como essas coisas eram feitas.

– O único jeito de realmente entender o valor do dinheiro é tendo sido pobre – disse ele enquanto almoçávamos no carro. – É contra isso que você vai ter de lutar. Um garoto como você, que cresce sem nunca precisar de nada, sem nunca passar fome... – disse ele e balançou a cabeça, como se aquilo fosse uma decisão decepcionante que eu tinha tomado – ... não sei como é possível superar algo assim. Você pode observar essas pessoas quanto quiser e ver como é para elas, mas não é a mesma coisa que passar por isso você mesmo.

Ele largou o sanduíche e tomou um gole de café da garrafa térmica.

– Sim, senhor – respondi. O que mais eu poderia dizer?



– A maior mentira no mundo dos negócios é que é preciso dinheiro para fazer dinheiro. Lembre-se disso: é preciso ser inteligente, ter um plano, prestar atenção no que acontece à sua volta. Nada disso custa um centavo.

Meu pai não era muito de dar conselhos, e aquilo pareceu desgastá-lo. Quando terminou, ele pegou o lenço do bolso e passou na testa.

Quando estou me sentindo caridoso, relembro desse momento e digo a mim mesmo que foi por isso que as coisas aconteceram do jeito que aconteceram. Meu pai estava tentando me ajudar com sua experiência.

Meu pai sempre ficava mais à vontade com os inquilinos do que com as pessoas de seu escritório ou da casa. Um inquilino começava a contar uma história – que às vezes era sobre a incapacidade do Phillies de lançar contra o Brooklyn e às vezes sobre por que não havia dinheiro suficiente no envelope –, e eu sabia dizer, pela postura do meu pai, pelo modo como ele balançava a cabeça em determinados trechos da história, se ele estava ou não prestando atenção. As pessoas que ficavam devendo nunca reclamavam sobre uma janela que não abria. Só queriam a oportunidade de contar a meu pai o que tinha acontecido naquele mês e garantir que não voltaria a acontecer. Nunca vi meu pai repreender os inquilinos ou ameaçá-los. Ele só ouvia, e então lhes pedia que fizessem o possível. Mas, depois de três meses de conversa, outra família estaria morando no apartamento quando voltássemos. Eu nunca ficava sabendo o que tinha acontecido com as pessoas de má sorte, só que acontecia em algum outro dia que não o primeiro sábado do mês.

Meu pai fumava cada vez mais conforme o dia passava. Eu ficava sentado ao lado dele no largo banco do carro, analisando os números do livro-razão ou observando pela janela as árvores que passavam apressadas. Quando meu pai fumava, eu sabia que ele estava pensando e que devia ficar em silêncio. As vizinhanças iam piorando à medida que nos aproximávamos da Filadélfia. Ele deixava os inqui-

linos mais pobres para o fim do dia, como se quisesse dar a eles mais algumas horas para reunir o dinheiro que deviam. Eu preferiria ficar esperando no carro nessas últimas paradas, mexendo no rádio, mas sabia que era melhor pular a parte em que perguntaria se podia ficar e ele responderia que não. Os inquilinos de Mount Airy e Jenkintown sempre eram gentis comigo, perguntavam sobre a escola e o basquete e me ofereciam doces que meu pai dizia para nunca aceitar. “Você está cada dia mais parecido com seu pai. Está ficando igualzinho a ele”, diziam eles.

Mas nos bairros mais pobres as coisas eram diferentes. Não que os inquilinos não fossem simpáticos, mas ficavam nervosos mesmo quando tinham o dinheiro para pagar, talvez pensando em como tinha sido o mês anterior ou como seria o próximo. Eram reverentes não só com meu pai, mas comigo também, e era essa reverência que me dava vontade de abrir um buraco no chão e sumir. Homens mais velhos que meu pai me chamavam de Sr. Conroy antes mesmo de eu completar dez anos, como se a semelhança que viam entre nós fosse mais do que física. Talvez vissem a situação como meu pai via: um dia estariam pagando o aluguel para mim, então não deviam me chamar de Danny. Enquanto subíamos as escadarias dos prédios, eu tirava lascas de tinta das paredes e passava por cima das ripas quebradas. Portas semiabertas batiam nas dobradiças e nunca havia telas. O aquecimento nos corredores era tropical ou inexistente. Aquilo me fazia pensar no luxo que era tagarelar sobre a carrapeta de uma torneira, mas não me fazia lembrar de que aquele prédio também era do meu pai, e que estava ao seu alcance abrir o porta-malas e também melhorar as coisas para as pessoas que viviam ali. Uma a uma, ele batia nas portas e as portas se abriam e ouvíamos o que quer que as pessoas lá dentro tinham a dizer: maridos sem trabalho, maridos desaparecidos, esposas desaparecidas, crianças doentes. Uma vez um homem ficou justificando que não tinha o dinheiro do aluguel porque o filho estava muito doente e ele teve de ficar em casa para cuidar do garoto.

O garoto e o homem estavam sozinhos no apartamento escuro, não havia mais ninguém ali com eles. Quando meu pai já tinha ouvido o bastante, entrou na sala e pegou o garoto febril do sofá. Naquela época, eu não fazia ideia de como era uma pessoa morta, mas o braço do garoto balançou na lateral do corpo e a cabeça caiu nos braços do meu pai. Aquilo me deixou apavorado. Se não fosse a respiração extremamente pesada, eu teria achado que era tarde demais. O ar no apartamento estava denso, tinha o cheiro mentolado do sofrimento. Talvez o garoto tivesse cinco ou seis anos, era muito pequeno. Meu pai o carregou pelas escadas e o colocou no Buick enquanto o pai do garoto nos seguia dizendo que não precisávamos nos preocupar.

– Não vai ser nada – dizia. – O garoto vai ficar bem.

Mesmo assim ele entrou, se sentou no banco de trás do carro e seguiu ao lado do filho até o hospital. Eu nunca tinha me sentado no banco da frente de um carro com um adulto sentado no banco de trás, e isso me deixou nervoso. Ficava imaginando o que as freiras diriam se nos vissem passar. Quando chegamos ao hospital, meu pai acertou tudo com a mulher no balcão e fomos embora. Voltamos para nossa casa no escuro, sem dizer uma única palavra sobre o que tinha acontecido.

– Por que ele fez isso? – Maeve me perguntou naquela noite depois do jantar, quando estávamos em seu quarto.

Nosso pai nunca a levava para cobrar o aluguel, embora ela fosse sete anos mais velha que eu, ganhasse o prêmio de matemática na escola todos os anos e provavelmente fosse capaz de se sair ridiculamente melhor do que eu com o livro-razão. No primeiro sábado de cada mês, após sermos dispensados da mesa e nosso pai ir até a biblioteca com sua bebida e o jornal, Maeve me levava até seu quarto e fechava a porta. Ela então pedia um relatório do dia, passo a passo: o que tinha acontecido em cada apartamento; o que os inquilinos tinham dito; e o que nosso pai tinha respondido. Queria saber até o que tínhamos comprado no Carter's Market na hora do almoço, onde sempre parávamos para comer sanduíches.

– O garoto estava muito doente, só isso. Ele não abriu os olhos nem uma vez, nem quando papai o colocou no carro.

Quando chegamos ao hospital, meu pai mandou que eu fosse até o banheiro e lavasse as mãos com a água quente e sabonete, mesmo eu não tendo tocado no garoto.

Maeve ficou pensativa.

– O que foi? – perguntei.

– Bem, pare para pensar. Ele odeia pessoas doentes. Alguma vez ele passou pela porta do seu quarto quando você estava doente?

Ela se esticou na cama ao meu lado, afofando o travesseiro sob a cabeça.

– Se você vai colocar os pés na minha cama, o mínimo que você pode fazer é tirar esses sapatos imundos.

Chutei os sapatos para fora dos pés. Ele se sentava na beirada da minha cama e colocava a mão em minha testa? Ele me trazia refrigerante, perguntava se eu estava com vontade de vomitar de novo? Era isso que Maeve fazia. Era o que Sandy e Jocelyn faziam quando Maeve estava na escola.

– Ele nunca entra no meu quarto.

– Mas por que ele fez tudo isso se o pai do garoto estava lá?

Eu quase nunca chegava a uma resposta antes da Maeve, mas nesse caso era óbvio.

– Porque a mãe não estava.

Se tivesse uma mulher no apartamento, ele nunca teria se envolvido.

As mães eram a medida da segurança, isso significava que eu estava mais seguro que Maeve. Depois que nossa mãe partiu, Maeve assumiu aquele papel por mim, mas ninguém fez o mesmo por ela. É claro que Sandy e Jocelyn cuidavam de nós. Elas se certificavam de que estivéssemos limpos e alimentados e de que nosso almoço estivesse embalado e a mensalidade do escoteiro, paga. Elas nos amavam, eu tinha certeza disso, mas no fim do dia elas iam para casa. Eu não podia ir para a cama da Sandy ou da Jocelyn no meio da noite quando tinha um

pesadelo, e nunca pensei em bater na porta do quarto do meu pai. Era a Maeve quem eu recorria. Ela me ensinou como segurar um garfo. Ela ia aos meus jogos de basquete e conhecia todos os meus amigos e supervisionava minha lição de casa e me beijava todas as manhãs antes de cada um de nós seguir seu caminho para a escola e novamente à noite antes de se deitar, sem se importar se eu queria ou não ser beijado. Ela me dizia o tempo todo que eu era gentil e inteligente e rápido, que eu podia ser o melhor homem que quisesse ser. Ela era muito boa nessas coisas, apesar de ninguém ter feito isso por ela.

– A mamãe fazia isso por mim – disse ela, surpresa por eu ter tocado no assunto. – Olha só, garoto, eu é que fui sortuda, ok? Eu passei anos com ela e você não. Não consigo nem imaginar quanto você deve sentir falta dela.

Mas como eu poderia sentir falta de alguém que eu nunca conheci? Eu tinha três anos na época e, mesmo que entendesse o que estava acontecendo, não tinha lembrança alguma disso. Foi Sandy quem me contou a história toda, embora obviamente eu soubesse de algumas partes contadas pela minha irmã. Maeve tinha dez anos quando nossa mãe começou a ir embora. Certa manhã, Maeve se levantou e abriu as cortinas para ver se tinha nevado durante a noite, e tinha. A Casa Holandesa era sempre gelada. Havia uma lareira no quarto de Maeve, e Sandy sempre mantinha lenha seca sobre uma cama de jornal amassado, para que, de manhã, Maeve só precisasse riscar um fósforo, o que deixavam ela fazer desde seu aniversário de oito anos.

(“A mamãe me deu uma caixa de fósforos de aniversário”, contou ela certa vez. “Disse que a mãe dela havia lhe dado uma caixa de fósforos quando ela fez oito anos, e elas passaram a manhã aprendendo a acender. Ela me ensinou a acender o fósforo e, à noite, deixou que eu acendesse as velas do bolo.”)

Maeve acendeu a lareira, colocou o roupão, calçou os chinelos e foi até meu quarto ver se eu estava bem. Eu tinha três anos, ainda estava dormindo. Não participei dessa história.

Então ela atravessou o corredor até o quarto dos nossos pais e encontrou-o vazio, a cama já feita. Maeve voltou ao seu quarto para se arrumar para a escola. Já tinha escovado os dentes, lavado o rosto e estava quase pronta quando Fofinha entrou para acordá-la.

– Todos os dias você é mais rápida do que eu – disse Fofinha.

– Você devia me acordar mais cedo – respondeu Maeve.

Fofinha disse que ela não precisava acordar mais cedo.

O fato de nosso pai já ter saído de casa àquela hora não era estranho. Nossa mãe não estar em casa era incomum, mas não sem precedente. Sandy, Jocelyn e Fofinha pareciam as mesmas de sempre. Se elas não estavam preocupadas, não havia razão para se preocupar. Era nossa mãe quem levava Maeve à escola, mas naquela manhã Fofinha fez isso, deixando-a lá com o almoço que Jocelyn tinha preparado. No fim do dia, Fofinha estava lá para buscá-la. Quando Maeve perguntou onde nossa mãe estava, ela deu de ombros.

– Provavelmente com seu pai?

Nossa mãe não estava no jantar naquela noite, e, quando nosso pai apareceu, Maeve perguntou onde ela estava. Ele a envolveu em seus braços e beijou seu pescoço. Essas coisas ainda aconteciam naquele tempo. Ele disse a Maeve que nossa mãe tinha ido à Filadélfia visitar velhos amigos.

– Sem se despedir?

– Ela se despediu de mim – respondeu nosso pai. – Ela se levantou muito cedo.

– Eu me levantei cedo.

– Bem, ela se levantou mais cedo que você e me pediu que te dissesse que volta em um ou dois dias. Todo mundo precisa de férias.

– Férias do quê? – perguntou Maeve, mas o que ela queria dizer era: *De mim? De nós?*

– Da casa. – Ele pegou Maeve pela mão e a levou até a sala de jantar. – Este lugar é uma grande responsabilidade.

pesadelo, e nunca pensei em bater na porta do quarto do meu pai. Era a Maeve quem eu recorria. Ela me ensinou como segurar um garfo. Ela ia aos meus jogos de basquete e conhecia todos os meus amigos e supervisionava minha lição de casa e me beijava todas as manhãs antes de cada um de nós seguir seu caminho para a escola e novamente à noite antes de se deitar, sem se importar se eu queria ou não ser beijado. Ela me dizia o tempo todo que eu era gentil e inteligente e rápido, que eu podia ser o melhor homem que quisesse ser. Ela era muito boa nessas coisas, apesar de ninguém ter feito isso por ela.

– A mamãe fazia isso por mim – disse ela, surpresa por eu ter tocado no assunto. – Olha só, garoto, eu é que fui sortuda, ok? Eu passei anos com ela e você não. Não consigo nem imaginar quanto você deve sentir falta dela.

Mas como eu poderia sentir falta de alguém que eu nunca conheci? Eu tinha três anos na época e, mesmo que entendesse o que estava acontecendo, não tinha lembrança alguma disso. Foi Sandy quem me contou a história toda, embora obviamente eu soubesse de algumas partes contadas pela minha irmã. Maeve tinha dez anos quando nossa mãe começou a ir embora. Certa manhã, Maeve se levantou e abriu as cortinas para ver se tinha nevado durante a noite, e tinha. A Casa Holandesa era sempre gelada. Havia uma lareira no quarto de Maeve, e Sandy sempre mantinha lenha seca sobre uma cama de jornal amassado, para que, de manhã, Maeve só precisasse riscar um fósforo, o que deixavam ela fazer desde seu aniversário de oito anos.

(“A mamãe me deu uma caixa de fósforos de aniversário”, contou ela certa vez. “Disse que a mãe dela havia lhe dado uma caixa de fósforos quando ela fez oito anos, e elas passaram a manhã aprendendo a acender. Ela me ensinou a acender o fósforo e, à noite, deixou que eu acendesse as velas do bolo.”)

Maeve acendeu a lareira, colocou o roupão, calçou os chinelos e foi até meu quarto ver se eu estava bem. Eu tinha três anos, ainda estava dormindo. Não participei dessa história.

Como poderia ser tanta responsabilidade assim, se Jocelyn e Sandy e Fofinha faziam boa parte do trabalho, se os jardineiros vinham cuidar do gramado e varrer as folhas e limpar a neve, se Maeve se dispunha a fazer qualquer coisa para ser útil?

Nossa mãe não estava lá quando Maeve acordou na manhã seguinte, e mais uma vez Fofinha a levou à escola e a buscou. Mas quando elas chegaram em casa naquele segundo dia, nossa mãe estava sentada na cozinha bebendo chá com Sandy e Jocelyn. Eu estava brincando no chão, tirando as tampas de todos os potes.

– Ela parecia tão cansada – contou Maeve. – Parecia que não tinha dormido o tempo todo que estive longe.

Nossa mãe largou a xícara e pegou Maeve no colo.

– Aqui está minha querida – disse, e beijou sua testa e seu cabelo. – Aqui está meu amor verdadeiro.

Maeve abraçou o pescoço de nossa mãe e descansou a cabeça em seu peito e sentiu seu cheiro enquanto nossa mãe acariciava seu cabelo.

– Quem tem uma menina como esta? – perguntou a Sandy e Jocelyn. – Quem tem uma menina tão linda, gentil e inteligente? O que eu fiz para merecer uma lindeza assim?

Algumas variações dessa história aconteceram mais três vezes.

Ao longo dos dois meses seguintes, nossa mãe sumiu por duas noites, depois quatro noites, depois uma semana. Maeve começou a acordar no meio da noite para ir até o quarto de nossos pais e ver se ela ainda estava lá. Às vezes nossa mãe estava acordada e, quando via Maeve à porta, levantava a coberta, e Maeve flutuava até a cama em silêncio, se encaixando na curva quente de seu corpo. Ela adormecia sem pensar, os braços da mãe à sua volta, os batimentos cardíacos e a respiração da mãe atrás dela. Nenhum outro momento da vida se comparava a esse.

– Por que você não se despede de mim antes de sair? – perguntava Maeve, e nossa mãe simplesmente balançava a cabeça.

– Eu nunca vou ser capaz de fazer isso. Nem em um milhão de anos vou conseguir me despedir de você.



Nossa mãe estava doente? Estava piorando?

Maeve assentiu.

– Ela estava virando um fantasma. Uma semana ela estava mais magra, depois, mais pálida, tudo se deteriorou muito rápido. Todos estávamos desmoronando. Mamãe chegava em casa e chorava por dias. Eu ia me sentar com ela em sua cama depois da escola. Às vezes você estava na cama com ela, brincando. Quando papai estava em casa ele parecia sempre estar tentando segurá-la, como se andasse pela casa com os braços estendidos. Sandy, Jocelyn e Fofinha estavam nervosas, mas ninguém dizia uma palavra a respeito. Quando ela ia embora era insuportável e quando ela voltava era insuportável de um jeito diferente, porque sabíamos que ela iria embora de novo.

Quando ela se foi definitivamente, Maeve perguntou a nosso pai quando ela voltaria. Ele ficou olhando para ela por um bom tempo. Não sabia que parte da verdade deveria contar a uma criança de dez anos, então decidiu contar tudo. Ele disse a Maeve que nossa mãe não ia mais voltar. Ela tinha ido para a Índia e não ia voltar.

Maeve nunca conseguiu decidir qual parte dessa história era pior: a mãe ter ido embora ou o fato de a Índia ficar do outro lado do mundo.

– Ninguém vai para a Índia!

– Maeve – disse ele.

– Talvez ela ainda não tenha ido!

Ela não acreditou nele nem por um instante, mas se a história tinha começado, ela precisava parar. Nosso pai balançou a cabeça, mas não a abraçou. De alguma forma, isso talvez tenha sido o mais estranho de tudo.

Essa era a história da partida de nossa mãe, e esse era o ponto em que a história parava. Devia ter havido perguntas, explicações. Se ela estava na Índia, nosso pai deveria ter ido encontrá-la e trazê-la de volta, mas nada disso aconteceu, porque Maeve parou de se levantar pela manhã. Ela não ia à escola. Sandy levava mingau em uma bandeja e se sentava na beirada da cama, tentando convencê-la a comer

duas colheradas, mas ela dizia que Maeve raramente aceitava. Todos achavam que ela estava doente de saudade da mãe. Todos estavam sofrendo de alguma forma, então deixaram Maeve se afundar, sem nunca parar para pensar que ela ainda bebia o suco de laranja, o copo de água e o bule inteiro de chá de camomila. Ela levava o copo até o banheiro e o enchia várias vezes, até acabar enfiando a cabeça na pia para beber direto da torneira. Fofinha me levava até o quarto de Maeve e me colocava em sua cama, e Maeve lia para mim antes de cair no sono novamente. Então, certa tarde, menos de uma semana depois de nossa mãe partir de vez, Maeve não acordou. Fofinha chacoalhou e chacoalhou Maeve, e então pegou-a nos braços e correu escada abaixo até o carro.

Onde estava todo mundo? Para onde nosso pai e Sandy e Jocelyn tinham ido? Onde eu estava? Sandy disse que não conseguia se lembrar.

– Foi uma época horrível – disse Sandy, balançando a cabeça.

O que ela sabia era que Fofinha levou Maeve ao hospital e a carregou até a recepção, onde umas enfermeiras pegaram-na adormecida nos braços. Ela ficou no hospital durante duas semanas. Os médicos disseram que a diabetes podia ter sido causada pelo trauma, ou que podia ser um vírus. O corpo tem várias maneiras de lidar com coisas que não consegue entender. No hospital, Maeve recuperava e voltava a perder a consciência enquanto tentavam estabilizar o nível de açúcar em seu sangue. Tudo o que tinha acontecido com ela era parte de um sonho. Ela dizia a si mesma que a mãe estava proibida de visitá-la, um castigo imposto a ambas por alguma coisa que ela tinha feito e da qual não se lembrava. As Irmãs da Misericórdia, todas amigas de nossa mãe, foram visitá-la. Duas alunas do Sagrado Coração levaram um cartão assinado por toda a turma, mas não permitiram que elas ficassem. Nosso pai ia visitá-la à noite, mas falava muito pouco. Ele segurava o pé de Maeve pelo cobertor de algodão branco e dizia que ela precisava melhorar, que ninguém queria aquilo. Jocelyn e Sandy e Fofinha se revezavam para ficar com ela no quarto.

– Uma de nós com você, uma com seu irmão e uma com seu pai – dizia Sandy. – Todos estão recebendo cuidados.

Sandy disse que, quando precisava chorar, esperava Maeve dormir, e então ia para o corredor.

Depois que Maeve voltou do hospital, as coisas pioraram. Segundo a lógica, a ausência de nossa mãe a teria deixado doente, então, ainda segundo a lógica, falar de nossa mãe poderia matá-la. A Casa Holandesa ficou silenciosa. Sandy e Jocelyn e Fofinha se dedicavam à minha irmã, às agulhas, à insulina. Ficavam apavoradas com a forma como cada injeção a afetava. Nosso pai não queria se envolver naquilo. Fofinha, que durante aquelas semanas dormiu na cama com Maeve, acabou levando-a de volta para o hospital no meio da noite. Mais uma vez tentaram estabilizá-la, mais uma vez lhe deram alta. Maeve chorava sem parar, até meu pai entrar em seu quarto e mandar que parasse. Todos tinham se tornado personagens da pior parte de um conto de fadas. Meu pai agora tinha cem anos.

– Pare – dizia ele, como se mal conseguisse pronunciar as palavras. – Você precisa parar.

Até que, finalmente, ela parou.



Após a Segunda Guerra Mundial, graças à conjugação de sorte e um investimento fortuito, Cyril Conroy entra no ramo imobiliário, criando um negócio que logo se tornará um império e levará sua família da pobreza a uma vida de opulência. Uma de suas primeiras aquisições é a Casa Holandesa, uma extravagante propriedade no subúrbio da Filadélfia. Mas o que seria apenas uma adorável surpresa para a esposa acaba desencadeando o esfacelamento de toda a estrutura familiar.

Quem narra essa história é o filho de Cyril, Danny, a partir do momento em que ele e a irmã mais velha — a autoconfiante e franca Maeve — são expulsos pela madrasta da casa onde cresceram. Os dois irmãos se veem jogados de volta à pobreza e logo descobrem que só podem contar um com o outro. E esse vínculo inabalável, ao mesmo tempo que os salva, é o que bloqueia seu futuro.

Apesar de suas conquistas ao longo da vida, Danny e Maeve só se sentem verdadeiramente confortáveis quando estão juntos. Narrada ao longo de cinco décadas, *A Casa Holandesa* é uma história sobre a dificuldade de superar o passado. Com bom humor e raiva, os dois rememoram inúmeras vezes seu relato de perda e humilhação e a relação entre o irmão indulgente e a irmã superprotetora enfim será colocada à prova quando os Conroy se virem forçados a confrontar quem os abandonou.

Uma saga sobre o paraíso perdido, *A Casa Holandesa* se debruça sobre questões de herança, amor e perdão, uma narrativa sobre como gostaríamos de ser vistos e quem de fato somos. E, embora seja um livro repleto de reviravoltas que farão o leitor devorar a história, seus personagens ficarão marcados por muito tempo na memória.

**Saiba mais em:**

[www.intrinseca.com.br/livro/975/](http://www.intrinseca.com.br/livro/975/)

